

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 17 | Nº 50 | Boa Vista | 2024

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.10719985>



O ENSINO REMOTO E PANDEMIA: SAÚDE MENTAL E VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DOS ADOLESCENTES

Vitoria Feitosa de Brito¹

Diana Sampaio Braga²

Eduardo Gomes Onofre³

Livânia Beltrão Tavares⁴

Resumo

Uma das medidas adotadas para o enfrentamento da COVID-19 foi a suspensão das aulas presenciais e, com efeito, o fechamento provisório das instituições de ensino. Acredita-se que, embora necessárias, essas medidas ocasionaram impactos no desenvolvimento dos estudantes, trazendo prejuízos na aprendizagem e desencadeando efeitos psicológicos. Investigar as vivências subjetivas relacionadas ao ensino remoto, decorrente do isolamento social, assim como, suas implicações na saúde mental dos estudantes da educação básica, buscando identificar efeitos psicológicos como a presença de sintomatologia depressiva e ansiosa. Realizou-se um estudo descritivo, de natureza quantitativo-qualitativo por meio da aplicação de instrumentos como o Inventário de Depressão Infantil (CDI), o Inventário Beck de Avaliação da Ansiedade (BAI) e uma entrevista semiestruturada. Após a coleta de dados, utilizou-se do pacote estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences) – versão 18.0. Os resultados foram avaliados através de análises paramétricas e não paramétricas. Os dados obtidos com as entrevistas foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin. Foi observado que houve um aumento nos níveis de ansiedade e depressão e um significativo impacto no processo de aprendizagem dos adolescentes. Nesse contexto, foi possível destacar determinadas variáveis relacionadas ao aparecimento de quadros de ansiedade e depressão, entre elas: o uso exacerbado de telas, alteração da rotina e qualidade do sono, ausência das interações sociais e ambiente inadequado de estudos. Os dados indicaram efeitos nocivos à saúde mental dos estudantes decorrentes da pandemia da COVID-19, posto que níveis preocupantes de ansiedade e depressão foram identificados em uma parte desta população. Além disso, conclui-se que é de suma importância prosseguir nos estudos da temática a fim de traçar estratégias para que os profissionais consigam compreender os fenômenos ocasionados pela pandemia.

Palavras-chave: Adolescência; Ensino Remoto; Saúde Mental.

Abstract

One of the measures adopted to combat COVID-19 was the suspension of face-to-face classes and, in effect, the temporary closure of educational institutions. It is believed that, although necessary, these measures had an impact on the development of students, causing harm to learning and triggering psychological effects. To investigate the subjective experiences related to remote teaching, resulting from social isolation, as well as its implications for the mental health of basic education students, seeking to identify psychological effects such as the presence of depressive and anxious symptoms. A descriptive, quantitative-qualitative study was carried out through the application of instruments such as the Childhood Depression Inventory (CDI), the Beck Anxiety Assessment Inventory (BAI) and a semi-structured interview. After data collection, the statistical package SPSS (Statistical Package for Social Sciences) – version 18.0 was used. The results were evaluated using parametric and non-parametric analyses. The data obtained from the interviews were analyzed using Bardin's content analysis technique. It was observed that there was an increase in anxiety and depression levels and a significant impact on the learning process of adolescents. In this context, it was possible to highlight certain variables related to the appearance of anxiety and depression, including: the excessive use of screens, changes in routine and quality of sleep, lack of social interactions and an inadequate study environment. The data indicated harmful effects on the mental health of students resulting from the COVID-19 pandemic, as worrying levels of anxiety and depression were identified in a part of this population. Furthermore, it is concluded that it is extremely important to continue studying the topic in order to outline strategies so that professionals can understand the phenomena caused by the pandemic.

Keywords: Adolescence; Mental Health; Remote Teaching.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: vivi.fbn2@gmail.com

² Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutora em Psicologia. E-mail: diana@servidor.uepb.edu.br

³ Professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor em Sociologia. E-mail: eduoofre@gmail.com

⁴ Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutora em Psicologia. E-mail: li.vania@hotmail.com



INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 11 de março de 2020, que o mundo inteiro estava vivendo uma pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2. O novo coronavírus apresentava-se como um fenômeno mundial, sendo, pois, um dos maiores desafios sanitários em escala global deste século. Vale aqui lembrar que segundo o glossário médico, uma doença infecciosa classifica-se como pandemia quando essa atinge um grande número de indivíduos espalhados por vários países e mais de um continente.

Diante do insuficiente conhecimento científico sobre o vírus SARS-CoV-2, sua alta agilidade de disseminação e capacidade de provocar mortes em populações vulneráveis, mesmo que bastante problemático do ponto de vista econômico para os mais empobrecidos, o isolamento social se configurou como a melhor estratégia a ser utilizada para o enfrentamento da pandemia em diferentes países, prevenindo o avanço da doença e protegendo a população dos efeitos danosos do vírus.

Naquele contexto, também uma das medidas adotadas para o enfrentamento ao vírus foi a suspensão das aulas presenciais e, com efeito, o fechamento provisório das instituições de ensino. Essa situação, a partir de abril de 2020, com diversos países fechando escolas e universidades, deu início a uma nova modalidade de ensino. As instituições de ensino, na grande maioria dos países, precisaram se reinventar e buscar estratégias de enfrentamento à paralisação das atividades acadêmicas, optando, assim, pelo ensino remoto para o cumprimento do calendário letivo.

No entanto, acredita-se que essas medidas de distanciamento e isolamento social, embora necessárias, naquele momento, ocasionaram impactos no desenvolvimento dos estudantes, trazendo prejuízos na aprendizagem das crianças e dos adolescentes, desencadeando efeitos psicológicos, desconforto emocional, aumento de ansiedade, depressão e quadros de estresse e este é o tema que o trabalho se debruça, as repercussões evocadas pelo contexto pandêmico no campo da aprendizagem e do bem estar subjetivo dos adolescentes.

Considerando que os discentes tiveram que lidar, também, com uma nova rotina imposta pelo ensino emergencial sem o suporte adequado para tal mudança, o que, possivelmente, desencadeou inúmeras dificuldades de adaptação e estados emocionais desfavoráveis. Ainda há muito o que buscar compreender acerca das vivências no ensino remoto e seus efeitos psicológicos na perspectiva dos adolescentes, visto que, na literatura, pouco se descreveu a experiência e as queixas dos estudantes, de forma qualitativa, sendo os estudos pautados, majoritariamente, na óptica quantitativa ou na perspectiva dos professores.



Dessa forma, o maior entendimento desta questão pode contribuir para que se proponham programas de intervenção com esse grupo de indivíduos, visando minimizar possíveis danos causados pelo impacto do ensino remoto e do isolamento social, evitando o agravamento de um quadro que possa se instalar, sendo um agente de prevenção.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo investigar as vivências subjetivas relacionadas ao ensino remoto, decorrente do isolamento social, assim como, suas implicações na saúde mental dos estudantes da educação básica, buscando identificar efeitos psicológicos como a presença de sintomatologia depressiva e ansiosa. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de instrumentos como o Inventário de Depressão Infantil (CDI), o Inventário Beck de Avaliação da Ansiedade (BAI) e uma entrevista semiestruturada com perguntas que versavam sobre diversos aspectos: dados sociodemográficos, mudanças na rotina advindas com a pandemia, vivências subjetivas e avaliação da aprendizagem no período do ensino remoto, atividades realizadas durante o isolamento social e tempo de exposição a telas.

O texto encontra-se estruturado da seguinte forma: inicialmente no referencial teórico é apresentado discussões sobre estudos que discorrem sobre a configuração do ensino remoto de natureza emergencial e suas implicações aliado ao isolamento social para a saúde mental dos adolescentes, na segunda seção é descrito o percurso metodológico o qual aborda o método de coleta de dados e os procedimentos adotados para sua análise, na terceira seção intitulada Resultados e Discussões, são discutidas a princípio as cinco categorias que emergiram a partir da fala dos adolescentes, posteriormente são apresentados os dados obtidos a partir dos instrumentos que avaliam a presença de sintomatologia de depressão e ansiedade. Por fim, na última seção são apresentadas as Considerações Finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A necessidade de reconfigurar o processo de ensino- aprendizagem. Com efeito, de maneira rápida, inesperada e despreparada, instituições de ensino estaduais, municipais, federais e instituições privadas, por meio das secretarias de educação do Brasil, tiveram a responsabilidade de pensar estratégias para a continuidade das atividades e possibilitar que houvesse um ensino mesmo que de forma não presencial (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020). Assim, na Educação, o ensino remoto tornou-se uma alternativa de transmissão do conhecimento (GOMES *et al.*, 2020).

Vale ressaltar, no entanto, que o ensino remoto se diferencia da Educação a Distância (EaD). É comum que seja vivenciado uma confusão entre os dois conceitos, que não são sinônimos, posto que,



quando se fala sobre a EaD, diz respeito a uma modalidade de ensino que ocorre entre discentes e docentes que não é realizado de forma presencial, há uma separação física e, para isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação. Contudo, esse processo de ensino e aprendizagem por meio dessas tecnologias não se dá temporariamente, já existe um acordo pré-estabelecido e normas para o seu funcionamento adequado, ou seja, na modalidade de ensino a distância existe uma mediação didática-pedagógica planejada estrategicamente de forma integral e contínuo (não sendo um processo educativo emergencial) especificamente para isso.

Já o ensino remoto, trata-se de uma modalidade de caráter emergencial que propõe usos e apropriações das tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial e que visa ser algo provisório, como afirma o Parecer CNE nº 5/2020, o qual refere-se a essa modalidade de estudo como “aquelas a serem realizadas pela instituição de ensino com os estudantes quando não for possível a presença física destes no ambiente escolar” (BRASIL, 2020). Se tratando de algo provisório e que surgiu de forma inesperada, diferente do Ensino a Distância, não houve um planejamento específico para que ocorresse esse método de ensino, fazendo com que algumas dificuldades advierem.

Esse ensino remoto, denominado por Behar (2020) como Ensino Remoto Emergencial (ERE), devido ao contexto da pandemia, que buscou uma adaptação das práticas pedagógicas por meio da utilização do ambiente virtual (aulas online e assíncronas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais) para a continuidade do semestre nas universidades e do ano letivo escolar, por sua vez, foi preconizado pela Portaria nº 345/2020 do Ministério da Educação Nacional que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas desenvolvidas nas tecnologias de informação e comunicação enquanto durar a situação de pandemia da COVID-19 (BRASIL, 2020).

Como dito, com a pandemia e o ensino remoto, surgiram problemáticas associadas à nova rotina - o que ocasionou aos estudantes grandes prejuízos na aprendizagem. Um dos fatores que contribui para as perdas quanto ao processo de ensino e aprendizagem foi, primordialmente, a falta de preparação dos professores frente ao ensino remoto em suas práticas pedagógicas no que se refere ao acesso aos meios tecnológicos. Fato é que, nem todos os professores possuíam domínio na utilização de tecnologias de informação e comunicação como computadores e notebooks (SANTOS; ZABOROSKI, 2020).

Além disso, o Programa Todos pela Educação, através da pesquisa realizada pelo CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) preconiza a existência de uma dificuldade na acessibilidade dos brasileiros, em geral, a internet, posto que, mesmo havendo um alto índice de indivíduos que possuem acesso à internet nos dias atuais, o acesso é de baixa qualidade,



não sendo suficiente para atender as demandas que a modalidade de ensino remoto propõe (CIEB, 2020).

É válido expor, ainda, que essas dificuldades citadas no que se refere aos docentes não ficam restritas apenas a esse público. Os discentes foram atingidos tanto pela falta de preparo dos professores quanto pelas suas próprias dificuldades, uma vez que, muitos alunos, em especial, aqueles que fazem parte das famílias de baixa renda, mais vulneráveis, não possuíam acesso às ferramentas necessárias para o ERE.

Assim, os problemas de acesso caracterizam-se, principalmente, pela falta de preparo (estrutural, operacional e econômico) dos docentes, discentes e dos pais e/ou responsáveis. Sendo essa a realidade, sobretudo, dos estudantes de baixa renda, ampliando assim, as disparidades educacionais existentes.

Diante dessa questão, os alunos foram diretamente afetados no processo de ensino-aprendizagem, já que, durante o ensino remoto, foram utilizadas plataformas on-line, como o *Google Meet*, pelas quais as aulas ocorrem tanto sincronamente - em tempo real - quanto assincronamente - que não ocorre em tempo real, posto que mesmo atividades avaliativas, leituras complementares e outros materiais educativos eram postados mesmo sem as aulas estarem ocorrendo (DOLABELLA *et al.*, 2021). Posto isso, é essencial que haja a compreensão das dificuldades proporcionadas pelo ensino emergencial e que essa situação gerou um estresse emocional tanto nos docentes como nos discentes, como confirma Cipriano (2020):

É importante salientar que as dificuldades apresentadas no ensino remoto são de certa forma um catalisador do estresse emocional nas duas categorias que fazem parte da escola, educador e aluno, discute-se até certo ponto as dificuldades de acessibilidade e questões outras relacionadas ao ensino remoto promovem indícios claros de ansiedade, cansaço mental, privação do sono e afins (CIPRIANO, 2020).

Assim, fica evidente que os efeitos da pandemia para os alunos não ficam limitados apenas ao ensino e a aprendizagem, eles perpassam as questões educacionais, sendo a saúde mental dos discentes mais afetada durante o ensino remoto e a pandemia (LEMO; SARLO, 2020). Possivelmente, isso se deve ao fato que os estudantes tiveram sua rotina alterada drasticamente em um curto período de tempo e mudanças desse nível nem sempre são entendidas pelo cérebro humano como algo bom e, desse modo, de acordo com Falkenberg (2014) *apud* Lemos e Sarlo (2020) “é muito comum diferença de humor e no comportamento do aluno quando ele passa por uma mudança repentina em sua vida diária”, o que pode ocasionar efeitos sejam mais graves e complexos, principalmente, para crianças e adolescentes que ainda estão na fase de desenvolvimento físico e psíquico.



De acordo com estudos realizados por Vazquez *et al.* (2021), que buscaram avaliar os efeitos da pandemia sobre a vida social e a saúde mental dos jovens inseridos em um contexto de periferia metropolitana, levando em consideração variáveis como o fechamento de escolas, dificuldade do ensino remoto, casos de infecção, perda de emprego e condição social, concluíram que aproximadamente 80% dos estudantes apresentaram níveis de ansiedade e apenas 35% dessa população não apresentou sintomatologia depressiva, tornando evidente que os impactos da pandemia tiveram ação direta na saúde mental dos indivíduos, assim como na saúde física.

Além disso, Vazquez *et al.* (2021) afirmam que o aumento expressivo nos índices de ansiedade e depressão entre os alunos, causado pelo isolamento social e a transição para o ensino remoto, resultou na quebra de vínculos e na interrupção das rotinas de estudo e lazer, especialmente em uma fase da vida marcada por intensa atividade social e maior vulnerabilidade emocional, aumentando assim os riscos para a saúde mental. Acredita-se que houve, ainda, principalmente em jovens-adultos, grupo mais afetado, uma preocupação exacerbada no que diz respeito às consequências e desafios futuros da pandemia.

Acredita-se, ainda, que o ensino remoto tem causado uma quebra nos vínculos sociais por ser inviável ter a interação entre professor-aluno e entre o aluno e seus colegas como ocorria no formato presencial, o que se apresenta como um prejuízo a nível da saúde desses adolescentes. Além disso, o ensino remoto trouxe uma mudança na rotina dos estudantes que pode afetar negativamente os adolescentes já que essas interações sociais mais intensas e as vulnerabilidades emocionais contribuem para os impactos à saúde mental (VASQUEZ *et al.*, 2021). Prova disso é que, segundo Cohen *et al.*, (2021, p.20):

Os adolescentes saudáveis que mantiveram a confiança nas relações com os pares e muitas vezes confiaram na comunicação com os amigos para lidar com o stress da COVID-19 tiveram melhor desempenho do que aqueles que não o fizeram. Relacionamentos próximos entre pares oferecem a formação de identidades pessoais, apoio e um sentimento de pertencimento e podem proteger contra o impacto negativo do estresse e o desenvolvimento de sintomas de saúde mental. Além disso, o apego nas relações entre pares (por exemplo, confiança e comunicação) mostra efeitos significativos nos resultados positivos de saúde mental.

É evidente, diante do exposto, que interromper as relações interpessoais presencialmente pode comprometer crianças e adolescentes em suas vidas. Ademais, outra problemática atrelada ao ensino remoto em tempos de pandemia é que as opções pedagógicas das escolas e universidades, podem estar contribuindo para o uso exacerbado da internet, visto que o que antes era utilizado para lazer e atividades mais esporádicas, tornou-se o ambiente escolar, o meio que são realizadas as demandas



escolares. Por conseguinte, os adolescentes têm passado maior tempo em frente a telas, podendo ocasionar consideráveis prejuízos à saúde mental por conta dessa exposição (SILVA; ROSA, 2021).

Desse modo, considerando os impactos do isolamento social e do ensino remoto que afastou os alunos de sua rotina escolar, os efeitos sobre crianças e adolescentes ainda são imensuráveis e, em alguns pontos, desconhecidos. Por isso, uma pesquisa visando investigar os fenômenos relacionados ao ensino remoto decorrente do isolamento social e sua implicação na saúde mental dos estudantes da educação básica, mostra-se de fundamental importância, o que estimulou o interesse pela realização dessa pesquisa.

METODOLOGIA

Caracterização da pesquisa

O presente trabalho trata-se de um estudo de campo, do tipo descritivo e de natureza qualitativa-quantitativa, uma vez que a preocupação foi analisar e descrever o fenômeno observado por meio da coleta de dados narrativos e estatísticos

Universo e Amostra

O universo do estudo foi composto por alunos que vivenciaram o ensino remoto durante a pandemia da COVID-19. A amostra foi composta, 17 alunos de uma Instituição Escolar da Rede Estadual de um município da Paraíba (PB). Os critérios de inclusão da amostra foram: discentes do sexo feminino e masculino, com idade entre 14 e 17 anos, matriculados do 8º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, que possuíam vínculos com a escola pública, que não tivessem sido diagnosticados com quadros de depressão e ansiedade anteriormente ao ensino remoto emergencial, que obtiveram autorização dos responsáveis para participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, que concordaram em participar da pesquisa através do Termo de Assentimento Livre Esclarecido. Os critérios de exclusão da amostra foram: alunos que não tiveram autorização ou que se negaram a participar da pesquisa, sem vínculos com escolas públicas e que tinham histórico de depressão e/ou ansiedade diagnosticado anterior à pandemia.



Instrumentos de Coleta de Dados

Para a coleta de dados foram utilizados três instrumentos de pesquisa, a saber: o Inventário de Depressão Infantil (CDI) e o Inventário Beck de Avaliação da Ansiedade (BAI) e uma entrevista semiestruturada.

O Inventário de Depressão Infantil, foi desenvolvido por Kovacs (1983), nos Estados Unidos trata-se de um instrumento que surge a partir de uma adaptação do Inventário de Depressão de Beck (BDI), o qual que possui aplicabilidade em adultos. O Inventário de Depressão Infantil, que visa averiguar a existência e o grau de severidade dos sintomas depressivos em crianças e adolescentes com idade média entre 7 e 17 anos de idade, é formado por 27 itens que abrangem aspectos cognitivos, comportamentais, afetivos e somáticos. No Brasil, o CDI foi traduzido e adaptado por Gouveia (GOUVEIA *et al.*, 1995).

No inventário de Depressão Infantil, cada item possui uma variação de alternativas, sendo: 0 (ausência de sintomas), 1 (presença de sintomas) e 2 (gravidade dos sintomas) que buscam analisar a alternativa que representa de forma mais significativa sentimentos observados no adolescente nas últimas duas semanas (Coutinho *et al.*, 2008). Para avaliar o resultado e a severidade do quadro depressivo, observa-se o somatório dos escores individuais dos itens, e, caso a soma do escores obtenha pontuação igual ou superior a 17 pontos há um indicativo de quadro depressivo (CRUVINEL; BORUCHOVICT; SANTOS, 2008).

O Inventário Beck de Avaliação da Ansiedade (BAI) consiste em uma escala de auto-relato, que busca averiguar sintomas de ansiedade e sua intensidade. O questionário é constituído por 21 itens de múltipla escolha de sintomas comuns de ansiedade como, por exemplo, sudorese, sentimentos de angústia e de medo (BECK; STEER, 1993). Diante disso, o sujeito deve assinalar aqueles identificados como presentes em si.

Cada pergunta do Inventário Beck de Avaliação da Ansiedade (BAI) apresenta uma escala de 4 pontos que refletem níveis de intensidade do sintoma, sendo, pois: 1. Absolutamente não; 2. Levemente: não me incomodou muito; 3. Moderadamente: foi muito desagradável, mas pude suportar; 4. Gravemente: dificilmente pude suportar. A BAI pode ter um resultado máximo de 63 e a soma total permite a classificação em níveis de intensidade da ansiedade. O indivíduo possui grau mínimo de ansiedade quando denota escores de 0 a 7; a classificação para ansiedade em nível leve, ocorre para escores de 8 a 15; ansiedade moderada, de 16 a 25; e grave, para escores de 26 a 63 (CUNHA *apud* PACE, 2013).



Somando a isso, foram realizadas Entrevistas Semiestruturadas com perguntas que versavam sobre diversos aspectos: dados sociodemográficos, mudanças na rotina advindas com a pandemia, vivências subjetivas e avaliação da aprendizagem no período do ensino remoto, atividades realizadas durante o isolamento social e tempo de exposição a telas.

As Entrevistas Semiestruturadas foram aplicadas através de conversas informais, de modo a coletar os dados pretendidos para que, por meio da familiarização, se averiguasse os impactos do isolamento social, buscando captar a subjetividade do indivíduo.

Procedimentos metodológicos

Inicialmente, foi marcado um encontro com os estudantes para apresentar a pesquisa e identificar os interessados em participar da mesma. Posteriormente, diante do consentimento dos possíveis participantes, foi feito contato com o responsável legal do aluno a fim de obter a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido para que, desse modo, a pesquisa pudesse ser feita a partir da aplicação dos instrumentos de pesquisa – Inventários e Entrevista Semiestruturada. Ao iniciar a aplicação dos instrumentos de pesquisa, o pesquisador ficou encarregado de explicar o objetivo do estudo, sua metodologia, a possibilidade de desistência em qualquer etapa da pesquisa, assim como de garantir a confidencialidade dos dados dos participantes. A exposição foi realizada de forma adequada para o entendimento do participante.

Em alguns casos, houve a impossibilidade de um encontro presencial, devido ao cenário da pandemia, considerando que alguns alunos estavam em isolamento. Nessas situações, os instrumentos foram aplicados de maneira online, sendo utilizado uma ferramenta de pesquisa disponível na internet, bastante utilizada para elaborar questionários digitais, denominada Google Forms, visto que a coleta de dados é realizada de maneira online, possibilitando um acompanhamento das informações. O Termo de Consentimento Livre Esclarecido também foi disponibilizado, sendo necessário que os responsáveis concordem para que a aplicação dos Inventários e a Entrevista fossem viabilizados. Dessa forma, os indivíduos só responderam aos instrumentos quando concordaram em participar da pesquisa.

Posicionamento Ético

A coleta de dados foi efetuada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número (5.315.941). seguindo os preceitos éticos de acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, que busca garantir o respeito pela dignidade humana e a proteção



devida aos sujeitos envolvidos em estudos investigativos, preservando os dados e a confidencialidade pela participação em todos os momentos da pesquisa científica (BRASIL, 2020).

Tratamento dos dados

Após a coleta de dados, estes foram expostos em planilha eletrônica do Excel 2013 e transferidos para o pacote estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences) – versão 18.0, onde foram contabilizados e analisados, tanto os dados do Inventários quando os da Entrevista Semiestruturada. Os resultados foram avaliados através de análises paramétricas, conforme a normalidade dos dados. Ademais, foi realizada análise descritiva e analítica de acordo com as variáveis obtidas. O nível de significância considerado é de 5% ($p < 0,05$).

A análise do material proveniente das Entrevistas Semiestruturadas foi feita a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), que permite a compreensão crítica do sentido das comunicações, do seu conteúdo. A partir do material coletado foi realizada a constituição do corpus, leitura flutuante, decomposição do corpus e codificação dos temas, categorização do material analisado que neste estudo foi organizado em categorias empíricas que foram as percepções dos discentes acerca do ensino remoto; alterações na rotina e na qualidade do sono; ampliação do tempo de tela; isolamento social; e sobrecarga durante o ensino remoto. Os relatos dos participantes foram identificados a partir do sexo e da faixa etária.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante do cenário da pandemia, a necessidade de reconfigurar o processo de ensino aprendizagem surgiu de maneira rápida e inesperada e, com isso, algumas problemáticas foram inevitáveis como os impactos apresentados na saúde mental dos estudantes. A partir da pesquisa, foi possível destacar determinadas variáveis relacionadas ao aparecimento de quadros de ansiedade e depressão nos estudantes durante a pandemia, entre elas: o uso exacerbado de telas, alteração da rotina e qualidade do sono, ausência das interações sociais e ambiente inadequado de estudos. Esses fatores, por sua vez, contribuíram não somente para o desenvolvimento de sintomas no âmbito psicológico como também para uma defasagem do processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que a maior parte dos discentes entrevistados tivessem uma percepção negativa acerca do ensino remoto.



Percepções dos discentes acerca do ensino remoto

Diante das problemáticas, segundo os entrevistados, as vivências do ensino remoto, de modo geral, não foram positivas. A maioria dos discentes às avaliou negativamente quando teve de responder à pergunta: “Como tem sido o ensino remoto para você?”. Alguns dos termos utilizados para definir as aulas online foram: difícil, complicado, ruim, chato, etc. Somado a isso, os alunos demonstram a emergência de sentimentos negativos, como tristeza e desânimo, influenciados pela experiência obtida durante a pandemia:

Bem ruim, pois eu não consigo aprender direito e isso deixa a gente um pouco triste, agoniado (M 14).

Acho que não aprendi muito não e muitas pessoas também não, pelo que vejo (F 14)

Este dado se coaduna com a pesquisa de natureza quantitativa de Médici, Tatto e Leão (2020) cujo objetivo foi identificar as percepções dos discentes sobre o ensino remoto, na qual a maior parte dos estudantes oriundos de escola pública qualificou essa modalidade de ensino como regular ou péssima.

A avaliação dos estudantes entrevistados acerca da qualidade da sua aprendizagem no ensino remoto foi desoladora. Ao relembrar o seu processo de aprendizagem, os adolescentes relatam uma apropriação insatisfatória dos conteúdos, o que gerou sofrimento psíquico com repercussões nocivas ao seu autoconceito, ocasionando insegurança com relação a sua capacidade intelectual.

No começo foi ruim demais de me adaptar, eu me sentia muito burro, porque não entendia nada das aulas, nada do que os professores falavam eu aprendi, eles também não se interessavam muito em dar aula direitinho não. As tarefas mesmo eu não conseguia fazer nada, chorava e tudo (M,14).

Acredito que isso é algo ruim pra gente, a pessoa vendo que não tá aprendendo muito fica desmotivado e triste (F 14).

Os alunos trouxeram como tema importante a dificuldade de aprendizagem associado a uma falta de acompanhamento mais próximo por parte dos professores, como ocorria no ensino presencial. Estes também afirmam que tinham receio em participar das aulas, não sabiam quando poderiam interferir ou não e tinham vergonha de abrir a câmera e o microfone para interação. Ao que isso indica, nem sempre os objetivos do processo de ensino e aprendizagem foram atendidos, pois para que haja esse processo deve haver uma interação entre aquele que ensina e aquele que aprende. Não havendo essa interação, os entrevistados mostraram o quanto isso os prejudicou, através de suas falas:



Muita coisa não aprendi (F 16).

Quando tinha dúvidas procurava tudo no google para as atividades, não me sentia confortável para perguntar na aula (F 15).

Em contrapartida, um número reduzido de alunos (dois dos dezessete entrevistados) não caracterizaram o ensino remoto como algo negativo, demonstrando uma adaptação ao método de ensino e considerando que não houve prejuízos no ensino e aprendizagem. Os discentes que apresentaram tais colocações afirmaram ter, contudo, ambiente adequado de estudos, lugares fixos e sem incômodo e demonstraram ter apoio familiar e dos amigos. Estes informaram que, apesar de ajudarem em casa, podiam priorizar seus estudos.

O ensino remoto foi complicado a princípio, principalmente por se tratar de um período de adaptação ao novo. Porém, consegui me adaptar e incluir na minha rotina esse novo meio de conhecimento (F 16).

Acredito que o ambiente foi adequado diante das minhas necessidades, pois consegui me organizar e estudar o que precisava.

Eu consigo fazer sempre as demandas sozinha, mas caso necessite de apoio, tenho familiares e amigos a quem eu posso recorrer (F 16).

Mesmo trazendo essa capacidade de adaptação e resiliência em meio ao período de pandemia, ao fazer comparação com o ensino presencial, poucos alunos disseram que nessa modalidade conseguiam ser muito melhores. Além disso, de acordo com os instrumentos aplicados, um deles ainda apresentou quadro de ansiedade relacionado ao período de pandemia. É possível compreender que por mais que considerem a presença de pontos positivos no ensino remoto, estes não superam as trocas de conhecimentos estabelecidas no ensino presencial. e os impactos negativos do ensino emergencial não podem ser negligenciados.

Ampliação do tempo de telas

Pode-se perceber que o fechamento das escolas e o comprometimento de outras fontes de gratificação, tais como, as interações sociais com seus pares, contribuíram para uma ampliação significativa do tempo de tela. Se por um lado o uso dos celulares e computadores, favoreceu a interação durante o isolamento social, servindo como uma rede de apoio entre os pares, por outro, este uso aumentou disparadamente os prejuízos ocasionados pelo contato exacerbado com as telas, como exposto pelos entrevistados:



Estudei, assisti e fiquei muito tempo nas redes sociais, no instagram, no youtube (F 14).

Na pandemia eu passava a maior parte do meu dia com contato com aparelhos, o que também foi uma mudança na minha rotina, já que com as aulas presenciais eu passo pouco tempo, apenas utilizo a noite, e arrisco dizer que isso foi um dos grandes pontos negativos dessa época que vivemos (F 16)

Muito tempo, muito tempo mesmo. Minha miopia subiu para 2 e meio durante esse tempo pelo uso de telas (F 15).

15h por dia. A gente estudava pelo computador e depois tudo que fazia até pra se divertir, era nele também, antes eu não passava tanto tempo assim, mas depois da pandemia meu uso aumentou muito (F 14).

Na pandemia da COVID-19, houve um aumento do uso das telas, já que pessoas ao redor de todo o mundo foram pressionadas a utilizar a tecnologia digital em ritmo e escala sem precedentes, já que todas as atividades, sejam elas laborais, educacionais ou de interação, passaram a ser realizadas por meio digital.

Um dos efeitos nocivos do excesso da tela foi identificado por Vasquez *et al.*, (2021), em sua pesquisa acerca das implicações da pandemia na saúde mental dos adolescentes, comprovaram que a cada duas horas a mais de tela do que proposto pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2016) como o adequado, a pontuação para sintomas depressivos e de ansiedade foram, significativamente, expandidas. Outros autores como Wong (2021) confirmam exatamente o que foi concluído que “com relação ao uso abusivo da Internet, este foi associado ao aparecimento de problemas de saúde física e mental, sendo percebidas comorbidades como: depressão, sobrepeso, dores de cabeça e nas costas, sono insuficiente”.

A pesquisa por Andrade *et al.* (2022) auxilia na compreensão dos motivos que constituíram essa correlação entre o emprego das telas e o aumento dos índices de ansiedade e depressão, é o enfoque dado às redes sociais, especialmente, ao aplicativo *Instagram* - rede social gratuita para compartilhamento de fotos e vídeos, e *Twitter* - rede social com objetivo primordial de compartilhamento de conteúdo e criação de comunidades. Isso porque, segundo os resultados da pesquisa, essas mídias provocam sentimentos de narcisismo, cancelamento ou a não aceitação dos usuários, comparação com a vida do outro, como por exemplo, comparação e desejo de ter o padrão de vida do colega, ou trabalhar e ser produtivo como o colega é ou até mesmo por consumir conteúdos de blogueiras famosas e bem-sucedidas que mostram o corpo perfeito, a vida perfeita e começar a não se achar bonita o suficiente, boa o suficiente, e etc. A partir disso, os adolescentes passaram a desenvolver baixa estima, a serem apresentados, constantemente, aos sentimentos de frustração e inferioridade e, conseqüentemente, apresentarem quadros psíquicos, como a depressão (ABJAUDE *et al.*, 2020).



O consumo desse modelo de conteúdo já era bastante crescente, assim como já provocava efeitos não benéficos, no entanto, com o isolamento social e a ampliação de tempo direcionado às redes, acredita-se que os impactos à saúde mental são, atualmente, ainda maiores.

Alteração na rotina e qualidade do sono

Uma variável que pode estar relacionada a emergência de sintomas de ansiedade e depressão relatada pelos adolescentes, diz respeito às mudanças bruscas na rotina, já que, além de ter causado o uso exagerado de telas, o distanciamento social resultou em uma diminuição da prática de atividade física, em horários de sono irregulares, na mudança, inclusive, de alimentação, entre outras alterações de rotina consideradas não benéficas, afetando a saúde física e mental das crianças e dos adolescentes (GIARETTA *et al.*, 2019), podendo, futuramente, ser o ponto crucial para um problema crítico em saúde pública, como dito por Figueiredo *et al.*, (2021):

As mudanças na rotina diária prejudicam particularmente crianças e adolescentes (WANG *et al.*, 2020), e isto pode, por sua vez, tornar-se um problema crítico de saúde pública no futuro. Além disso, enfatizamos que os jovens podem experimentar consequências não apenas de curto, mas também de longo prazo, dos estressores da COVID-19, pois apresentam respostas individuais.

477

Essa mudança de rotina como causador de problemáticas pode ser averiguado a partir de relatos dos próprios alunos, os quais descreveram a ausência na qualidade do sono e os prejuízos na saúde mental e no processo de ensino e aprendizagem, como presente a posteriori:

Eu não tinha um horário muito certo para dormir, geralmente, dormia bem tarde e acho que isso me atrapalhou bastante, pois tinha dificuldade de acordar cedo para as aulas, ficava com sono durante o dia e não conseguia manter uma concentração para os estudos (M 16).

Eu não conseguia dormir direito, isso me deixava angustiado por não conseguir fazer minhas tarefas no outro dia. Me sentia triste e me achava meio incompetente.

No que toca a fala dos estudantes, vale enfatizar a exposição acerca dos prejuízos no sono, já que de acordo com Coelho (2020), ter boa qualidade de sono é essencial para se ter uma saúde satisfatória e, conseqüentemente, a privação de sono pode contribuir para quadros de estresse, ansiedade e depressão, dado que, conforme escreveu a autora, inúmeros são “os benefícios proporcionados por um bom descanso durante o sono para o organismo das pessoas”. Assim, especialmente em tempos de pandemia, não ter uma qualidade de sono apresentou-se como coadjuvante no aparecimento de alterações nas funções biológicas, físicas e mentais, que foram, significativamente, afetadas (COELHO, 2020).



Somado aos prejuízos na qualidade do sono, os discentes afirmam, a presença de um desajuste na rotina no geral, não conseguindo se articular para organizar seus hábitos cotidianos e para se adaptar ao novo normal (COELHO *et al.*, 2020), o que, de acordo com eles, gerou angústia e ansiedade, sensação de incompetência e falta de concentração, conforme representado na fala abaixo:

Acabou que tudo mudou, eu não conseguia seguir meus horários de antes, não conseguia estudar, não tinha concentração e foco, a escola passou ser algo que me deixava mal (F 16).

Estes dados são preocupantes, pois variáveis como a diminuição das interações com seus pares, a ampliação do uso de videogame e um sono insatisfatório foram correlacionadas no estudo de Cohen *et al.*, (2021), sobre as repercussões do período pandêmico na saúde mental dos adolescentes, a um aumento considerável em indicadores de ansiedade e depressão, sinalizados pelos adolescentes a partir de instrumentos de autorrelato.

Isolamento social

O empobrecimento das interações sociais vivenciadas pela privação do convívio com seus pares, emergiu nas falas dos participantes como mais uma variável que afetou o seu bem-estar. Congruente com a perspectiva de Scarpellini (2021) que identifica a escola como uma instituição estruturante da rotina, um espaço oportunizador das relações sociais, que atua na prevenção do adoecimento psíquico e contribui para a diminuição da emergência de sintomas depressivos e ansiosos.

Foi péssimo, foi motivo de me deixar triste.

Outros, concordaram com a afirmação:

Na escola a gente saía, conversava com os amigos, brincava um pouco, não ficava direto só sentado não, isso fez falta (F 14).

A parte de perder o contato com os professores e amigos foi muito ruim (F 14).

É nessa etapa de desenvolvimento infanto-juvenil que a interação social se torna ainda mais indispensável, já que esse contato, com o ambiente familiar e escolar, acontece a construção da identidade do indivíduo, a partir dessas experiências o adolescente forma sua individualidade e subjetividade, bem como o crescimento biopsicossocial e cultural. Somado a isso, a relação entre grupo é de grande relevância para o adolescente corresponder a necessidade que tem do encontro com o outro.



Na escola, sobretudo, é, prioritariamente, juntamente com âmbito familiar, onde estas trocas mais ocorrem, possibilitando que o indivíduo vivencie situações essenciais para esse desenvolvimento e sinta o coletivo (MORAES, 2022). Como afirmado por Figueiredo *et al.*, (2021):

É um período de mudanças psicossociais entre a infância e a idade adulta, e um período de maior sensibilidade aos contextos sociais durante o qual os adolescentes passam mais tempo com os pares (LARSON E RICHARDS, 1991; BLAKEMORE E MILLS, 2014; BURNETT *et al.*, 2011; BLAKEMORE, 2008). Na verdade, para a maioria dos adolescentes, a escola é um dos ambientes sociais mais importantes e onde os pares afetam cada vez mais o autoconceito, o bem-estar e o comportamento dos adolescentes (GORRESE E RUGGIERI, 2013; O'BRIEN E BIERMAN, 1988).

Fica evidente, portanto, que as interações sociais, contribuem para o desenvolvimento saudável do indivíduo, posto que como exposto por Cascio *et al.* (2019) *apud* Figueiredo *et al.* (2021), essa interação é essencial para o “desenvolvimento da cognição, emoções, apego e relacionamentos. Além disso, também contribui para a regulação fisiológica das respostas do corpo a fatores de stress agudos, bem como a outros desafios de curto prazo”. Comprovando que o isolamento social pode contribuir para esses sentimentos de tristeza e angústia entre os indivíduos e engendrar impactos inimagináveis, colaborando para depressão (COELHO, 2020). Esses resultados vão de encontro a pesquisa estadunidense realizada por Temple *et al.* (2022), com mais de mil adolescentes oriundos de escolas públicas, na qual a limitação de contato físico com seus colegas foi vinculada a uma maior manifestação de sintomas depressivos, corroborando a conexão entre a privação de interações sociais e a deterioração da saúde mental.

Devido ao momento desafiador, as pessoas precisaram ficar em seus lares para se protegerem. Foram momentos difíceis, em pleno fervor, do século XXI. Assim, as atividades profissionais e escolares foram adaptadas para serem desenvolvidas em ambientes seguros e com poucos contatos físicos. Como garante Melo *et al.* (2023, p. 491):

Desde que foi decretada a pandemia da Covid-19, as instituições de ensino precisaram ser fechadas para evitar a propagação do vírus. Os professores e estudantes foram pegos de surpresa quando tiveram que se adaptar ao que viria ser chamado de novo normal, trocando as salas de aula por salas virtuais e livros e cadernos por vídeos e áudios. Foi um desafio para todos os profissionais da educação.

Compreendemos que para diminuir os efeitos negativos do isolamento social oriundo do ensino remoto, os professores poderiam ter explorado mais o universo lúdico e criativo. Explorar um ensino que tenha uma maior participação do aluno é fundamental para cursos no formato remoto ou on line. Neste sentido, a arte pode ser uma mediadora importante no processo de ensino-aprendizagem em um



contexto de educação remota. Utilizando pinturas, desenhos e esculturas podemos trabalhar a história e a geografia local e o universo das ciências exatas. Cuchedza *et al.* (2023) utilizaram pinturas de artistas moçambicanos com o foco de lecionaram conteúdo da ciência da matemática. Mas, além deste estudo trabalhar com o ensino de conteúdos matemáticos, discutiu também o processo decolonial, explorando um cenário leve, dinâmico e criativo e favorecendo pensamentos críticos de todos os participantes.

Sobrecarga durante o ensino remoto

É fato que o chamado dever de casa - exercícios/atividades pedagógicas produzidas e enviadas por docentes para os discentes para serem realizadas fora do ambiente da sala de aula (Franco, 2002), tem uma função no processo de formação de crianças e adolescentes. Este é considerado um dos dispositivos curriculares por meio dos quais a escola complementa o trabalho pedagógico iniciado na escola, servindo como um método de revisão e fixação dos conteúdos estudados, construção do hábito de estudo, identificar os pontos de dificuldades dos discentes (CARVALHO, 2001), bem como exerce a função de proporcionar uma interação entre a família e a escola, como afirmou Carvalho (2003) “o dever de casa pode servir como uma janela para olhar as relações família-escola e abordá-la de vários ângulos”.

Sabendo da funcionalidade e importância do dever de casa, durante a pandemia da COVID-19, professores de diversas as modalidades optaram por utilizá-la como um o recurso do processo de aprendizagem e como método para manter uma interação entre professor e aluno, dado que este era, na maioria das vezes, o único meio de se ter esse momento com o discente, como supracitado. No entanto, com a pesquisa realizada, foi possível identificar inúmeras críticas acerca dessas atividades. Os discentes trouxeram queixas relacionadas ao aumento significativo das atividades e afazeres, demonstrando haver uma sobrecarga, o que pode ser identificado pelas falas dos participantes:

O número de atividades aumentou muito, além disso, eu não entendia o assunto direito então ficava pior pra fazer essas atividades, isso me deixava triste, porque me sentia burra e insuficiente e sem motivação pra tentar melhorar (F 16).

Sobrecarregada, pois o número de atividades da escola aumentou durante o ensino remoto (F 16).

Passava mais tempo nessas atividades e mesmo assim não consegui aprender quase nada (F 14).

Depois de ouvir tal queixa de sobrecarga foi questionado acerca do porquê desse acréscimo de atividades, visto que a quantidade de disciplina não havia sido alterada. Algumas explicações/justificativas foram dadas, a saber: Em primeiro lugar, pelo fato de não haver interação durante a aula - o que fazia com que o professor expusesse todo o conteúdo de forma mais rápida, pois



faltava o retorno por parte do aluno; Essa falta de diálogo, de certa maneira, “obrigava” o professor a enviar atividade para o Classroom (ferramenta utilizada pela rede estadual de ensino da Paraíba) a cada término da aula- algo que não acontecia, corriqueiramente, no ensino presencial; A falta do momento de interação na aula para tirar dúvidas não permitia que os alunos conseguissem realizar os exercícios a sós, pois o conhecimento não era suficiente. Essas situações geraram uma dificuldade, que gerou outra dificuldade como o “efeito formiguinha”, isto é, a timidez dos alunos em participar das aulas, gerou dúvidas que por sua vez, levou a falta de conhecimento e compreensão dos conteúdos tratados que culminou nas pendências e, com efeito, na sobrecarga - muitas atividades a serem realizadas.

Ansiedade e depressão: impactos do ensino remoto

La salud mental es el sustento que ayuda a los seres humanos a pensar, sentir, aprender, trabajar, entablar relaciones significativas y contribuir a las comunidades y al mundo. Es una parte intrínseca de la salud de cada persona y conforma una base sobre la que se construyen naciones y comunidades sanas

Essa citação, feita pelo *Estado Mundial de la Infância, publicado por UNICEF em 2021*, cujo é objetivo “*profundizar en el conocimiento de los principales problemas que afectan a la infancia y promover soluciones que mejoren la vida de los niños, las niñas y los adolescentes*” traz, justamente, a reflexão de como os efeitos negativos e os eventos adversos que sofrem os indivíduos - os quais afetam a saúde mental dos mesmos - afetam todo o funcionamento natural do ser humano. Diante disso, é possível afirmar que não foi diferente com a intercorrência do isolamento social devido a pandemia da COVID-19, que afetou, indiscutivelmente, a saúde mental da população e, conseqüentemente, o processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes. No entanto, para que essa hipótese fosse, de fato verificada, foi necessário a aplicação de instrumentos como o Inventário de Depressão Infantil (CDI), o Inventário Beck de Avaliação da Ansiedade (BAI) para compreensão quantitativa dos efeitos da alteração da saúde mental no contexto do processo de ensino e aprendizagem.

Assim, por meio da aplicação dos instrumentos e questionários, bem como das discussões elaboradas diante das amostras, fica evidente que houve um aumento nos níveis de ansiedade e depressão, o que pode ser comprovado com os resultados da pesquisa. De acordo com a amostra, apenas um aluno não apresentou quadro ansioso, de dezessete alunos entrevistados, sete apresentaram ansiedade leve, três moderada e seis grave.

Os dados identificados no presente estudo também foram verificados em diversas pesquisas internacionais e nacionais Cohen *et al.* (2021), Peterle *et al.* (2022), Temple *et al.* (2022), Thorisdottir *et al.* (2023) que buscaram compreender as conseqüências do contexto pandêmico na saúde mental dos



adolescentes, detectaram um aumento no sofrimento psíquico deste segmento expresso na ampliação de sintomas depressivos. Esses achados corroboram a nocividade trazida pela exposição a um fenômeno estressante de caráter mundial e a suscetibilidade da adolescência as alterações provocadas, pelo isolamento social, ensino remoto e empobrecimento econômico.

Os alunos que apresentaram quadros referentes à ansiedade apresentaram sintomas de ordem fisiológica, cognitiva e emocional. Estes afirmaram a presença de alterações físicas, como: taquicardia, desconforto abdominal, sensação de desmaio, dispneia, dormência, formigamento, fadiga, medo excessivo, tremores, insônia, entre outros. Nos casos graves, o medo em excesso foi a variável que mais apareceu. O medo em excesso trata-se de um dos sintomas que mais aparece na ansiedade, fazendo com que o surgimento, em maior escala, dessa variável não seja surpreendente, no entanto, acredita-se que a mesma tem ligação direta com o contexto vivenciado, pois como estabelece Lenhardtk e Calvetti (2017) “a ansiedade está tomando uma proporção cada vez maior, devido às mudanças que vem acontecendo constantemente no mundo e as influências atuais que estão relacionadas diretamente a vida pessoal dos indivíduos”.

No que diz respeito aos quadros depressivos, esse número foi reduzido em relação ao índice de estudantes que desenvolveram ansiedade, nesse caso, seis estudantes do total da amostra passaram a sofrer com a depressão. Ou seja, o número de estudantes com ansiedade devido ao isolamento social foi significativamente maior do que em relação ao índice de depressão. No entanto, mesmo sendo um índice menor, os quadros de depressão identificados obtiveram pontuações para ser classificados como graves, não havendo quadros leves ou moderados. Foi possível verificar, ainda, que há uma associação entre ansiedade e depressão, já que os indivíduos com pontuações mais elevadas, segundo as escalas, para depressão, também apresentaram ansiedade.

Quadro 1 - Quadro referente ao número de alunos que apresentaram ansiedade e depressão

	ANSIEDADE	DEPRESSÃO
Leve	7 ALUNOS	-----
Moderado	3 ALUNOS	-----
Grave	6 ALUNOS	6 ALUNOS

Fonte: Elaboração própria.



Os estudantes que apresentaram um desenvolvimento nos níveis de ansiedade e depressão mais elevados foram aqueles que cumpriram com maior responsabilidade o isolamento social em comparação com os que tinham contato com pessoas próximas ou familiares. Outro fator importante é que os indivíduos cuja saúde mental foi mais afetada pelo isolamento social e ensino remoto demonstraram uma susceptibilidade maior ao desenvolvimento de sintomas ansiedade e depressão anterior ao contexto pesquisado, provavelmente o recrudescimento desses sintomas foi desencadeado, pelas implicações oriundas da pandemia. Consoante afirma outros estudos realizados Brooks *et al.* (2020) *apud* Fogaça *et al.* (2021):

Pessoas que precisam respeitar o distanciamento social apresentaram maiores prevalências de depressão e de ansiedade, comparadas aos não afetados pela medida. As pesquisas apontam que indivíduos com transtornos mentais tendem a apresentar níveis mais elevados de estresse e sofrimento psicológico durante a quarentena provocada pela COVID-19, comparados a pessoas sem esses transtornos, em decorrência tanto da maior vulnerabilidade psíquica como de outros fatores; por exemplo, a dificuldade de acesso a tratamento durante a pandemia (BROOKS *et al.* (2020) *apud* FOGAÇA *et al.* (2021).

Somado a isso, ainda sobre o viés das discussões publicadas pelo *Estado Mundial de la Infância, em 2021*, acerca da potencialidade de eventos mundiais enquanto fator contribuinte para efeitos na saúde mental dos indivíduos, a saúde mental dos jovens e adolescentes está relacionada não apenas a sua subjetividade, mas, também, com às circunstâncias que estão inseridos, assim como foi escrito: “Se a pandemia ensinou algo é que a nossa saúde mental é profundamente sensível ao mundo que nos rodeia”.

No caso do Brasil no tempo da pandemia da COVID-19, tivemos ainda um grande desafio a ser enfrentado: o discurso negacionista do governo de Jair Bolsonaro. Esse governo minimizou o número de mortes e não valorizou métodos científicos que deveriam ser aplicados durante o desenvolvimento do referido processo pandêmico. Para Macêdo Júnior *et al.* (2023, p. 548):

Quando líderes políticos minimizam a gravidade de uma pandemia, promovem tratamentos não comprovados cientificamente ou questionam a eficácia das medidas de saúde pública, podem contribuir para a disseminação acelerada da doença e para um aumento desproporcional de casos e óbitos, especialmente em grupos vulneráveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as vivências subjetivas relacionadas ao ensino remoto decorrente do isolamento social e sua implicação na saúde mental dos estudantes da educação básica, os dados indicaram efeitos nocivos à saúde mental dos estudantes decorrentes da pandemia da COVID-19, posto que níveis preocupantes de ansiedade e depressão foram identificados em uma parte desta população. Os fenômenos pandêmicos não são vivenciados de uma maneira homogênea pois



variáveis individuais, como a habilidade do indivíduo de lidar com uma situação desta natureza, traços da personalidade, o suporte social e as condições objetivas de vida são fatores importantes.

Além disso, foi possível verificar que apesar da importância do uso da tecnologia para a educação, em se tratando da experiência com ensino remoto a pesquisa mostrou que a percepção dos adolescentes em relação a esta modalidade foi bastante negativa, mencionaram uma aprendizagem insatisfatória dos conteúdos, que se tornou fonte de sofrimento psíquico com repercussões prejudiciais ao seu autoconceito, ocasionando inclusive insegurança em relação a sua capacidade intelectual. Os poucos estudantes que se adaptaram a este sistema de ensino tinham acesso a condições ambientais favoráveis, lugar adequado de estudos, apoio social, possibilidade de priorizar seus estudos em detrimento a outras atividades.

Questões abordadas pelos estudantes como alterações substanciais na rotina, o uso excessivo de telas, mudança do padrão do sono ou diminuição das horas destinadas para dormir, privação social tem uma relação estreita com o fechamento das instituições escolares que possuem o papel de estruturar a rotina dos adolescentes e propiciar a convivência com os pares podem estar articuladas a emergência da sintomatologia depressiva e de ansiedade.

Nesse sentido, os efeitos adversos da pandemia associados à saúde, bem-estar e aprendizagem já podem ser percebidos. Fica claro que as interrupções das aulas presenciais e a implementação rápida, inesperada e longa do ensino remoto resultaram em grave impacto na capacidade de aprendizado das crianças, além de efeitos emocionais – psicológicos - e físicos, provando que efeitos decorrentes da pandemia da COVID-19 tendem a perpassar o período pós-pandemia e atingir não apenas os estudantes, mas toda a sociedade, sendo, pois, de suma importância prosseguir nos estudos da temática a fim de continuar investigando quais são as consequências do ensino remoto na saúde mental dos estudantes da educação básica a longo prazo, tendo em vista que poderá ajudar na busca por alternativas para lidar com os problemas dele decorrentes.

Conclui-se, portanto, que a pesquisa se mostrou essencial para o campo de estudo da psicologia, pois a análise proporcionou a construção de um entendimento acerca de que como o contexto da pandemia afeta o indivíduo, como a falta relacionamentos interpessoais presenciais, a quebra da rotina e o ensino remoto, pode influenciar na saúde mental dos sujeitos. Os resultados indicam a necessidade de implantação de programas de intervenção no âmbito escolar visando minimizar os danos causados pelo impacto do isolamento social, evitando o agravamento de um quadro que possa se instalar, atuando em uma perspectiva preventiva.



REFERÊNCIAS

ABJAUDE, S. A. R. *et al.* “Como as mídias sociais influenciam na saúde mental?”. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, vol. 16, n. 1, 2020.

ANDRADE, B. M. *et al.* “Os fatores associados à relação entre tempo de tela e aumento de ansiedade em crianças e adolescentes durante a pandemia de COVID-19: uma revisão integrativa”. **Research, Society and Development**, vol. 11, n. 8, 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora Edições 70, 2011.

BECK, A. T.; STEER R. A. **Beck Depression Inventory Manual**. San Antônio: Psychological Corporation, 1993.

BEHAR, P. A. “O ensino remoto emergencial e a educação a distância”. **Portal Eletrônico da UFRGS** [2020]. Disponível em: <www.ufrgs.br>. Acesso em: 23/01/2024.

BRASIL. **Decreto n. 9.057, de 25 de maio de 2017**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 23/01/2024.

BRASIL. **Despacho MEC s/n, de 8 de julho de 2020**. Brasília: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 23/01/2024.

BRASIL. **Parecer CNE/CP n. 11, de 07 de julho de 2020**. Brasília: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 23/01/2024.

BRASIL. **Portaria n. 345, de 19 de março de 2020**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <www.saude.gov.br>. Acesso em: 23/01/2024.

BRASIL. **Portaria n. 544, de 16 de junho de 2020**. Brasília: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 23/01/2024.

BRASIL. **Retificação Parecer CNE/CP n. 11, de 15 de junho de 2020**. Brasília: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 23/01/2024

CARVALHO, M. E. P. “Escola como extensão da família ou como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola”. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, 2004.

CIEB - Centro de Inovação para a Educação Brasileira. **Pesquisa analisa estratégias de ensino remoto de secretarias de educação durante a covid-19**. São Paulo: CIEB, 2020. Disponível em: <www.cieb.net.br>. Acesso em: 26/08/2023.

CIPRIANO, J. A.; ALMEIDA, L. C. “Educação em tempos de pandemia: análises e implicações na saúde mental do professor e aluno”. **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande: Editora Realize, 2020.

COELHO, A. P. S. “Saúde mental e qualidade do sono entre estudantes universitários em tempos de pandemia da COVID - 19: experiência de um programa de assistência estudantil”. **Revista Research, Society and Development**, vol. 9, n. 9, 2020.



COHEN, Z. P. *et al.* “The Impact of COVID-19 on Adolescent Mental Health: Preliminary Findings From a Longitudinal Sample of Healthy and At-Risk Adolescents”. **Frontiers in Pediatrics**, vol. 9, 2021.

COUTINHO, M. P. L. *et al.* “Inventário de Depressão Infantil CDI evidências de validade de construto e consistência interna”. **Revista Avaliação Psicológica**, vol. 7, n. 3, 2008.

CRUVINEL, M.; BORUCHOVICT, E.; SANTOS, A. A. “Inventário de Depressão Infantil: análise dos parâmetros psicométricos”. **Revista de Psicologia**, vol. 20, n. 2, 2008.

CUCHEDZA, A. D. *et al.* “What does art know about (with) mathematics? Visualities that overflow in a group of students in initial training”. **Revista Educação Matemática Pesquisa**, vol. 25, n. 1, 2023.

CUNHA, L. F. F.; SILVA, A. S.; SILVA, A. P. “O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação”. **Revista Com Censo**, vol. 7, n. 3, 2020.

DOLABELLA, A. C. *et al.* “Desafios do Ensino Remoto Emergencial”. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EaD e Software**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

FIGUEIREDO, C. S. *et al.* “COVID-19 pandemic impact on children and adolescents’ mental health: Biological, environmental, and social factors”. **Progress in Neuropsychopharmacology and Biological Psychiatry**, vol. 106, 2021.

FOGAÇA, P. C.; AROSSI, G. A.; HIRDES, A. “Impacto do isolamento social ocasionado pela pandemia COVID- 19 sobre a saúde mental da população em geral: Uma revisão integrativa”. **Review Research, Society and Development**, vol. 10, n. 4, 2021.

486

FRANCO, O. C. M. **Práticas familiares em relação ao dever de casa: um estudo junto às camadas médias de Belo Horizonte** (Dissertação de Mestrado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, 2002.

GIARETTA, G. G. *et al.* “Evaluation of the benefits and risks of the vegetarian diet: update on the topic versus common sense in times of post-truths”. *In*: SILVA NETO, B. R. **Prevenção e Promoção de Saúde**. Ponta Grossa: Editora Atena, 2019.

GOMES, V. T. S. *et al.* “A Pandemia da Covid-19: Repercussões do Ensino Remoto na Formação Médica”. **Revista Brasileira de Educação Médica**, vol. 44, n. 4, 2020.

GOUVEIA, V. V. *et al.* “Inventário de Depressão Infantil - CDI: Estudo de Adaptação com Escolares de João Pessoa”. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, vol. 44, n. 7, 1995.

KOVACS, M. **The Children's Depression Inventory: A self-rated depression scale for school age youngsters**. Pittsburg: University of Pittsburgh, 1983.

LEMOS, L. M. R.; SARLO, A. L. S. “Efeitos da alfabetização aplicada no ensino remoto durante a pandemia de covid-19: uma revisão literária”. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, vol. 13, n. 2, 2020.

LENHARDTK, G.; CALVETTI, P. Ü. “Quando a ansiedade vira doença? Como tratar transtornos ansiosos sob a perspectiva cognitivo comportamental”. **Aletheia**, vol. 50, n. 1, 2017.

MACÊDO JÚNIOR, A. M. *et al.* “O discurso negacionista no desgoverno Bolsonaro como “influenciador” da mortalidade por COVID 19: Um paralelo entre a biopolítica e a necropolítica”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 45, 2023.



MARTINS, D. I. B. **Depressão e Satisfação de vida em Crianças e Adolescentes Institucionalizados e Não Institucionalizados**: Estudo comparativo (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde). Covilhã: UBI, 2012.

MÉDICI, M. S. *et al.* “Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus”. **Revista Thema**, vol. 18, 2020.

MELO, S. M. S. *et al.* “Desafios de tradutores intérpretes de libras e estudantes surdos nas aulas remotas em tempos de pandemia”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 42, 2023.

MORAES, C. L. **O adolescente e seus relacionamentos entre iguais no cenário da covid-19** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia). Caxias do Sul: UCS, 2022.

PACE, A. B. L. **Investigação dos níveis de ansiedade, estresse e depressão e sua associação com locus de controle e senso de coerência entre alunos de graduação em Odontologia**. Piracicaba: Unicamp, 2013.

PETERLE, C. F. “Problemas emocionais e comportamentais em adolescentes no contexto da COVID-19: um estudo de método misto”. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, vol. 30, 2022.

SANTOS, G. M. R.; SILVA, M. E.; BELMONTE, B. R. “COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários”. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, n. 21, 2021.

SANTOS, J. R.; ZABOROSKI, E. “Ensino remoto e pandemia covid-19: desafios e oportunidades de alunos e professores”. **Revista Interações**, n. 55, 2020.

SBP - Sociedade Brasileira de Pediatria. **Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital**. Rio de Janeiro: SBP, 2016.

SCARPELLINI, F. *et al.* “Distance learning in Italian primary and middle school children during the COVID-19 pandemic: a national survey”. **BMC Public Health**, vol. 21, n. 1, 2021.

SILVA, A. L.; FERREIRA, N. G. B. “Fique em casa: saúde, política e economia no centro da pandemia”. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, vol. 19, n. 55, 2020.

SILVA, S. M.; ROSA, A. R. “O impacto do covid-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção”. **Revista Prâksis**, n. 2, 2021.

TEMPLE, J. R. *et al.* “The Impact of the COVID-19 Pandemic on Adolescent Mental Health and Substance Use”. **Journal Adolescent Health**, vol. 71, 2022.

THORISDOTTI, I. E. *et al.* “Effect of the COVID-19 pandemic on adolescent mental health and substance use up to March, 2022, in Iceland: a repeated, cross-sectional, population-based study”. **The Lancet Child and Adolescent Health**, vol. 7, 2023.

VASQUEZ, D. A. *et al.* “Vida em Escola e a saúde mental dos estudantes de escolas públicas durante a pandemia de Covid-19”. **Saúde Debate**, vol. 46, n. 133, 2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 17 | Nº 50 | Boa Vista | 2024

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima